

POR UMA GRAMATICOGRAFIA IBERO-AMERICANA

Towards an Ibero-American Grammaticography

DOI: 10.14393/LL63-v42-2026-01

Leandro Silveira de Araujo*

Bruna Soares Polachini**

Esteban T. Montoro del Arco***

RESUMO: O volume temático *Gramaticografia Ibero-americana* reúne dezesseis estudos dedicados à análise das tradições gramaticais no espaço ibero-americano, ancorados no campo da Historiografia da Linguística. Os trabalhos resultam, em grande parte, das atividades do I Encontro de Gramaticografia Ibero-americana, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, e da cooperação entre o Núcleo de Estudos da Norma Linguística (NormaLi/UFU), o Centro de Documentação em Historiografia da Linguística (CEDOCH/USP) e o projeto HISPANAGRAMA (Universidades de Córdoba e Granada). O dossiê examina gramáticas missionárias, escolares e acadêmicas, manuais de ortografia, debates metalinguísticos e instrumentos normativos em português e espanhol, evidenciando os processos históricos de descrição, normatização e ensino das línguas. Ao recuperar continuidades, rupturas e reconfigurações locais em diálogo com modelos europeus, o volume contribui para a consolidação de uma perspectiva historiográfica transnacional sobre a gramaticografia ibero-americana.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia da linguística. Tradição Gramatical. Norma Linguística. Português. Espanhol.

ABSTRACT: The special issue *Ibero-American Grammaticography* brings sixteen studies devoted to the analysis of grammatical traditions in the Ibero-American space, grounded in the field of the Historiography of Linguistics. Most of the contributions stem from the activities of the First Ibero-American Grammaticography Meeting, held at the Federal University of Uberlândia, and from the cooperation between the *Núcleo de Estudos da Norma Linguística* (NormaLi/UFU), the *Centro de Documentação em Historiografia da Linguística* (CEDOCH/USP), and the *HISPANAGRAMA* project (Universities of Córdoba and Granada). The issue examines missionary, school and academic grammars, orthography manuals, metalinguistic debates, and normative instruments in Portuguese

* Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP/Araraquara). Professor da Universidade Federal de Uberlândia. Orcid: 0000-0001-8518-1266. E-mail: araujols(AT)ufu.br.

** Doutora em Linguística (USP). Professora da Universidade Virtual do Estado de São Paulo. Orcid: 0000-0002-3004-3568. E-mail para contato: bpolachini(AT)gmail.com.

*** Doutor em Língua Espanhola (Universidad de Granada). Professor da Universidad de Granada. Orcid: 0000-0002-9744-2408. E-mail para contato: montoro(AT)ugr.es.

and Spanish, highlighting the historical processes of language description, standardization, and teaching. By tracing continuities, ruptures, and local reconfigurations in dialogue with European models, the volume contributes to the consolidation of a transnational historiographical perspective on Ibero-American grammaticography.

KEYWORDS: Historiography of Linguistics. Grammatical Tradition. Linguistic Norm. Portuguese. Spanish.

1 Introdução à gramaticografia ibero-americana

Um volume voltado ao estudo da *gramaticografia ibero-americana* conduz-nos a uma discussão prévia sobre o que é gramaticografia e sobre o porquê de uma delimitação ibero-americana. Embora não possamos considerá-la uma disciplina conflitante quanto ao escopo e às abordagens teóricas atribuídos a ela, ainda assim, como qualquer área do saber, há espaço para alguma ambiguidade, sobreposição de conceituação e complexidade teórico-metodológica. Por isso, introduzimos este volume com uma discussão sobre os sentidos e as tarefas da gramaticografia e sobre um possível delineamento ibero-americano.

Calero Vaquera (2020) observa uma divergência entre os objetivos atribuídos à disciplina, identificando uma perspectiva mais restrita e mais distante do interesse historiográfico, e outra enredada por estudos do desenvolvimento de uma tradição gramatical em dada diacronia. Postulante da primeira perspectiva, Swiggers (2012, 2015, 2020) atribui à disciplina a tarefa de produzir gramáticas, sendo, portanto, o território de ação do gramático. Para o autor, reconhece-se nessa atividade o objetivo de reduzir o todo de uma língua em unidades, classes e princípios de funcionamento – esse posicionamento se mantém no trabalho que compartilha com Lioce e Desmet neste número da revista *Letras & Letras*. Partidário da mesma atribuição disciplinar, Gómez Asencio (2020, p. 71) defende que a gramaticografia é uma artigrafia, isto é, uma técnica de compor artes, o que, nesse caso particular, implicaria a composição de textos denominados gramáticas. Gómez Asencio, Montoro del Arco e Swiggers (2014, p. 275) ilustram a formação do sentido da palavra a partir da comparação com a lexicografia, isto é, a disciplina que se ocupa da técnica de composição de dicionários:

(1) LÉXICO	=	(2) dicionário	=	(3) lexico(grafia)	=	(4) lexicação/ lexi(zação)
GRAMÁTICA		gramática		gramatico(grafia)		gramati(zação)

A partir do organograma acima, identificamos, em (1), os elementos da língua que são objetos das respectivas disciplinas: o léxico e a gramática. Em (2), figuram os textos resultantes da tarefa da artigrafia, isto é, da disciplina; quase sempre em formato de livros, nos quais os elementos da língua são registrados. Em (3), as técnicas ou disciplinas são explicitadas: lexicografia ou gramaticografia. Finalmente, em 4, são apresentados os processos históricos de inserção dos respectivos elementos linguísticos (1) nas obras (2) resultantes das tarefas que compõem as duas disciplinas (3).

Neste cenário, o estudo da história dessa ferramenta, isto é, do livro de gramática e de sua produção ao longo do tempo, ocorre dentro do que se denomina historiografia da gramaticografia. Em outros termos, estaria inserido na Historiografia da Linguística o interesse e a tarefa de comparar e estabelecer relações históricas entre diferentes tipos de aproximações e concepções de gramática e entre soluções historicamente propostas para problemas de gramaticografia (Cf. Swiggers, 2020).

Por outro lado, Zamorano Aguilar (2017, 2022) e Haßler (2020) reduzem o escopo da disciplina ao interesse historiográfico ou filológico. Desse modo, Haßler (2020, p. 95) defende que a disciplina concentra seus esforços no estudo das gramáticas do passado e sempre estabelece relação com a história das teorias linguísticas e com a gramática atual. Por sua vez, Zamorano Aguilar (2022) define que a gramaticografia é uma área específica da Historiografia da Linguística (HL) e, assim, toma o fato gramaticográfico como um objeto específico entre o diverso campo de objetos da HL. Do mesmo modo, a tarefa gramaticográfica é organizada num escopo teórico-metodológico específico dentro de uma abrangência teórico-metodológica maior e mais heterogênea da HL.

Ao apresentar os trabalhos que compõem este volume, observaremos que os artigos estão majoritariamente inseridos nessa última concepção de gramaticografia – embora um e outro trabalho escapem, eventualmente, por um objetivo menos historiográfico, como é o caso do trabalho de Mesquita e Ribeiro, que analisam a Gramática do Português Brasileiro Escrito, publicada em 2023. A concepção majoritariamente historiográfica da gramaticografia se deve a que a maior parte dos estudos aqui compilados resulta de comunicações e discussões feitas no I Encontro de Gramaticografia Ibero-americana, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais/Brasil, entre os dias 14 e 16 de abril de 2025, com o apoio da

FAPEMIG e da CAPES. Resultante da parceria do Núcleo de Estudos da Norma Linguística (NormaLi), da Universidade Federal de Uberlândia, com o Centro de Documentação em Historiografia da Linguística (CEDOCH), da Universidade de São Paulo, com o projeto I+D+i HISPANAGRAMA II, das Universidades de Córdoba e de Granada (Espanha), e com o Projeto 31/ALFAL (Feminino e Historiografia das Ciências da Linguagem), o referido Encontro recebeu uma tônica essencialmente historiográfica, marcada tanto nas conferências e mesas redondas com convidados, como na maior parte das comunicações. Desse modo, repetimos neste dossiê nosso principal interesse pelo estudo historiográfico do pensamento gramatical no contexto ibero-americano.

A delimitação, que evidentemente não se restringe apenas ao aspecto espacial, mas abrange também as dimensões histórica, cultural e política, atende ao anseio por consolidar uma rede de pesquisa que revele de forma sistemática as intersecções e singularidades das tradições gramaticais dos povos ibero-americanos. Trata-se, portanto, de uma escolha que reconhece a existência de uma história compartilhada, ainda que profundamente heterogênea, marcada por processos de colonização, independência e reorganização nacional que tiveram, na língua e em suas descrições, um papel de destaque. Adiciona-se a esse aspecto o fato de que a Iberoamérica constitui um território linguístico diversificado, no qual o português e o espanhol – além de línguas indígenas e de origem africana – coexistem e se interagem, originando tradições de reflexão linguística que, embora mantenham um diálogo com modelos europeus, também os reconfiguram.

Assim sendo, a delimitação ibero-americana favorece a análise de fenômenos de convergência e divergência nas ações de descrição e normatização linguística, possibilitando investigar de que maneira distintas comunidades de fala, instituições e agentes intelectuais contribuíram para a elaboração, a difusão e a receptividade de tradições gramaticais ao longo dos séculos. Além disso, o estudo da gramaticografia sob a perspectiva ibero-americana possibilita questionar e reavaliar o lugar periférico que, não raramente, foi atribuído à produção gramatical latino-americana em momentos da história - às vezes considerada como um reflexo ou derivação das tradições europeias. Nesses termos, a investigação historiográfica desses processos permite identificar não somente a continuidade de modelos, mas também as

rupturas, inovações e adaptações locais que moldaram distintas maneiras de conceber a língua e de ensiná-la.

Finalmente, a perspectiva geopolítica também responde à demanda atual de estabelecer conexões entre comunidades acadêmicas que, apesar de possuírem um legado linguístico e cultural comum, ainda realizam suas investigações fragmentadas por fronteiras nacionais e disciplinares. Reunir neste volume considerações provenientes de diversos pesquisadores do contexto delimitado é um gesto que visa não somente fomentar o diálogo entre diferentes tradições de pesquisa, mas também estabelecer um campo historiográfico genuinamente transnacional, apto a conferir visibilidade às múltiplas narrativas que constituem o complexo linguístico e intelectual dos povos ibero-americanos.

2 Alguns apontamentos teóricos e metodológicos

Do ponto de vista metodológico, há propostas diversas e interseccionadas sobre como tratar da história das gramáticas. Sylvain Auroux, importante autor da História das Ideias Linguísticas de origem francesa, publicou em 1992 a primeira edição do livro *A revolução tecnológica da gramatização*, no qual trata das profundas transformações por que passaram os estudos linguísticos na Renascença. Isso porque até o século XV havia somente dicionários do grego e do latim no Ocidente. É apenas nos séculos seguintes que se inicia a produção massiva de gramáticas dos idiomas europeus e, através do contato com outras civilizações ou da colonização, também de idiomas asiáticos, africanos e americanos. Um ponto fundamental da visão de Auroux sobre esse processo é que a gramatização, que inclui a produção de gramáticas e dicionários, não gera apenas a descrição da língua, mas também influencia a língua.

Para tratar desse processo, tido como uma revolução tecnológica, Auroux apresenta conceitos e métodos de interessante aplicação para se fazer a história das gramáticas, como o *horizonte de retrospectão* e o *horizonte de projeção*. O primeiro diz respeito ao conjunto de conhecimentos, teorias e práticas linguísticas antecedentes que servem de base para algum outro saber linguístico – isto é, compreender o que é lembrado e o que é esquecido por esses saberes; já o segundo refere-se aos objetivos, expectativas e projetos de um determinado saber ou teoria. Ambos partem da perspectiva de uma gramática em questão, permitindo compreender o que, no contexto específico de produção de uma obra, era relevante.

Ademais, no Apêndice 1 da obra, Auroux propõe uma teoria das partes do discurso ao considerar que, no que diz respeito às classes de palavras, “entre todas as disciplinas científicas, a gramática é sem dúvida a que possui o *vocabulário teórico próprio* mais estável e antigo” (Auroux, 2014, p. 101). O autor apresenta critérios de classificação para diferentes modos de descrição e explicação das classes de palavras, a saber: o *morfológico*, em que a estrutura e as variações caracterizam os fenômenos linguísticos; o *semântico*, no qual essa caracterização se dá pela relação com fenômenos não-linguísticos; o *funcional*, em que há a inserção em uma unidade superior para a caracterização das classes de palavras; e, por fim, o *metalinguístico*, em que se faz referência ao enunciado linguístico para caracterizar o fenômeno. Esses critérios de análise podem ser bastante produtivos em trabalhos que versem sobre esse segmento lexical e seus diferentes tipos, tão explorado na história da gramática.

Outro autor de grande importância para a formulação teórico-metodológica da história das gramáticas é Pierre Swiggers. Ainda que seu interesse seja mais amplo e, do ponto de vista da Historiografia da Linguística, verse sobre a história do conhecimento linguístico em geral, ele formula diversas ferramentas e metodologias que são úteis e têm sido amplamente utilizadas no estudo da história das gramáticas, como sua organização da pesquisa na área, a distinção de quatro camadas no conhecimento linguístico, os programas de investigação e a análise da metalinguagem.

É frequente haver menção a aspectos gerais de organização da área ou do trabalho historiográfico em artigos ou dissertações e teses sobre a história da gramática, como as fases *heurística*, *hermenêutica* e *executiva*, estruturantes do trabalho historiográfico. A primeira corresponde à seleção e contextualização das fontes, a segunda é referente à interpretação dessas fontes a partir de um aparato teórico-metodológico, por fim, a execução se dá na escrita do texto historiográfico propriamente dito (Swiggers, 2013).

Outro recurso proposto por Swiggers e que tem sido utilizado amiúde, são as *camadas do conhecimento linguístico*. Com o intuito de abordar as complexas dinâmicas do conhecimento linguístico e seus processos históricos, Swiggers (2004) sugere que o conhecimento linguístico seja analisado através de quatro camadas interligadas: a teórica (que abrange a visão geral da linguagem e o estatuto da disciplina), a técnica (relacionada aos métodos de análise e apresentação de dados), a documental (concernente à base filológica e

aos tipos de fontes de dados utilizados) e a contextual e institucional (referente ao ambiente cultural e institucional circundante).

Essas camadas, que constituem as manifestações do saber linguístico, podem sofrer deslocamentos variáveis durante a emergência de novos paradigmas: enquanto propostas concorrentes podem divergir profundamente em apenas uma ou algumas camadas, mantendo outras estáveis, somente uma mudança transversal, ou seja, uma alteração significativa e simultânea em todas as quatro camadas, seria comparável a uma revolução científica no sentido kuhniano.

A grande valia da proposta de Swiggers reside em sua capacidade de capturar não apenas revoluções radicais, mas também movimentos de mudança mais sutis, e em sua habilidade de integrar a permanência como um elemento tão constitutivo da história quanto a ruptura, colocando a tensão continuidade-ruptura sempre no centro das controvérsias linguísticas. Para além disso, as camadas auxiliam na organização da análise historiográfica, distinguindo diferentes aspectos dos estudos linguísticos e gramaticais. Para ampliar a discussão sobre a aplicação do modelo de camadas, sugerimos a leitura dos trabalhos de Freitas, sobre as formas de tratamento em gramáticas pedagógicas chilenas e argentina, e de Marinho e Evaristio, sobre as partes da oração no *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza* (1806), de Morais Silva.

Por outro lado, Swiggers (2004) preocupou-se também em encontrar padrões de homogeneidade na história do conhecimento linguístico, os quais foram desenvolvidos sob a designação de *programas de investigação*. Cada programa agrupa abordagens múltiplas e heterogêneas do objeto de estudo desenvolvidas ao longo do tempo, as quais, contudo, compartilham três pilares fundamentais (conceptualizações, técnicas e incidências), permitindo ao autor identificar quatro programas principais ao longo da história do conhecimento sobre as línguas e a linguagem: o programa de correspondência, o programa descritivista, o programa sociocultural e o programa de projeção. O conhecimento desses programas auxilia o pesquisador da história da gramática a situar epistemologicamente as descrições estudadas.

Finalmente, tal como vimos nas propostas de Auroux, Swiggers (2010) tem uma proposta para tratar a metalinguagem dos estudos linguísticos e, mais especificamente, da

gramática. O autor apresenta fundamentos de uma teoria da metalinguagem para a descrição historiográfica e possibilidades de análise. Dessas, uma se destaca por sua utilização mais frequente em textos sobre gramaticografia: a distinção entre um conteúdo focal, isto é, a relação bilateral entre um termo e o que ele significa, e conteúdo contrastivo, isto é, a rede, implícita ou explícita, de conteúdo no interior da qual um termo assume seu conteúdo dinâmico. Dessa forma, pode-se compreender a teia ou rede, muitas vezes implícita, que os termos possuem na gramática, revelando um viés teórico ou até mesmo certo ecletismo.

No âmbito hispânico, a criação, em 1995, da *Sociedad Española de Historiografía Lingüística* (SEHL) constituiu um marco especialmente importante para o desenvolvimento teórico-metodológico da disciplina. Antes disso, já havia certo cultivo da área no seio da escola de Ramón Menéndez Pidal, que impulsionou a realização de trabalhos e investigações voltados sobretudo à recuperação e ao estudo das contribuições dos autores clássicos do Século de Ouro. A tese de Fernando Lázaro Carreter (1949), em particular, constitui o primeiro livro de conjunto sobre um período amplo, pois procura oferecer uma visão global da história das ideias linguísticas na Espanha do século XVIII. Contudo, foi a SEHL que se tornou o fórum em que se conseguiu reunir todos os pesquisadores do âmbito universitário hispânico interessados no passado da produção linguística hispânica. Entre eles, especialistas como Antonio Roldán, Emilio Ridruejo, Juan Martínez Marín, Manuel Brea Claramonte, entre muitos outros, aos quais se somam os responsáveis pelas duas primeiras teses de doutorado dedicadas estritamente à gramaticografia espanhola, centradas em períodos posteriores à etapa áurea e que se revelaram, ao fim, complementares: José J. Gómez Asencio (1981), quem dedicou o trabalho às categorias verbais na gramática do período compreendido entre 1771 e 1847; e María Luisa Calero Vaquera (1986), quem se ocupa do período imediatamente posterior (1847–1920). Cabe ainda destacar os estudos dedicados a autores específicos, como o de Margarita Lliteras (1922) sobre Vicente Salvá. Em uma segunda geração de pesquisadores, podem-se mencionar a tese inédita de María Dolores Martínez Gavilán sobre as ideias linguísticas do século XVII, bem como trabalhos de María José Martínez Alcalde (1992) sobre Gregorio Mayans. Nessa etapa, houve uma intensa atividade epihistoriográfica, de recuperação e edição de textos, um de cujos resultados mais visíveis é a coletânea organizada por Gómez Asencio (2001).

Ao mesmo tempo, na última década do século XX aumentou consideravelmente o número de estudos sobre a linguística missionária hispânica centrados na produção gramatical americana (Esparza Torres, 2010; Zimmermann, 2018), área que hoje conta com uma obra de referência fundamental, a valiosa bibliografia específica de linguística missionária espanhola elaborada por Esparza Torres e Niederehe (2023), isto é, a *Bibliografía de la lingüística misionera española (BILME)*.

Sob a égide da sociedade e dos sucessivos congressos realizados em diversas sedes, os primeiros sócios e sócias fomentaram que gerações posteriores também orientassem sua atividade investigativa pelos caminhos da historiografia gramatical. Merecem menção especial, nesse sentido, nos primeiros tempos, pelo número de teses de doutorado e de discípulos e sem prejuízo de outros focos de singular importância, a escola salmantina (em torno da figura central de José J. Gómez Asencio), a de Valladolid (liderada, entre outros, por Emilio Ridruejo e Margarita Lliteras), a valenciana (com María J. Martínez Alcalde como referência) e a cordobesa (graças ao trabalho de María Luisa Calero Vaquera). Durante esse período, destacou-se sobretudo uma forma de abordar os tratados gramaticais essencialmente imanente — para além de sua habitual contextualização histórica —, isto é, centrada na interpretação do aparato doutrinário mobilizado por seus autores, bem como na determinação de suas possíveis fontes e da influência posterior que suas contribuições puderam exercer. Graças, sem dúvida, a esse trabalho pioneiro, a historiografia gramatical encontra-se hoje plenamente institucionalizada e profissionalizada no âmbito hispânico, como evidencia a existência de associações científicas, revistas, projetos e atividades a ela dedicadas, bem como sua presença nos currículos universitários.

A gramaticografia americana, em particular, recebeu um impulso importante — e inesperado — a partir do projeto ANAGRAMA, liderado por María Luisa Calero Vaquera, no qual se reuniram pesquisadores de diferentes universidades nacionais, como Alfonso Zamorano Aguilar (Universidade de Córdoba), María José García Folgado (Universidade de Valência) e Esteban T. Montoro del Arco (Universidade de Granada), bem como internacionais, como Carsten Sinner (Universität Leipzig, Alemanha). Nesse projeto, abordou-se o estudo de tratados da tradição espanhola, com o objetivo de delinear a evolução da codificação sintática do espanhol ao longo do século XIX e de boa parte do século XX. Muitas das obras recuperadas e

catalogadas no corpus finalmente compilado (cf. Montoro del Arco, 2016) eram de origem americana.

Esse projeto teve continuidade em dois outros, cuja aprovação permitiu formalizar e consolidar o grupo de trabalho posteriormente denominado HISPANAGRAMA, sob a direção de Alfonso Zamorano Aguilar, da Universidade de Córdoba, e de Esteban T. Montoro del Arco, da Universidade de Granada (Zamorano, Montoro et al., 2020), já dedicado integralmente aos países do Cone Sul e do Pacífico, convergindo com uma linha de pesquisa sobre a gramática escolar que já vinha sendo desenvolvida em pelo menos quatro projetos realizados in loco, no caso da Argentina, sob a coordenação de Guillermo Toscano y García e Salvio Martín Menéndez, no âmbito do Instituto de Linguística da Universidade de Buenos Aires.

Como foi indicado anteriormente, são numerosos os trabalhos internacionais que têm contribuído para o desenvolvimento de instrumentos teóricos e analíticos, os quais também repercutiram no mundo hispânico por meio de projetos como os anteriormente mencionados. Entre as diversas propostas, merece destaque a de Zamorano Aguilar (2017), que propõe combinar as perspectivas interna e externa formuladas por Brekle (1986) e, partindo de uma perspectiva ecolinguística (Haugen, 1972; Bastardas, 1996; Fill e Mühlhäusler, 2001), concebe o texto gramatical como uma rede de variáveis linguísticas e extralinguísticas, internas e externas, com regras, agentes e destinatários, no interior de um espaço no qual dialogam e interagem diferentes elementos e fatores.

Seu modelo considera, entre outros, três princípios. Em primeiro lugar, tomando como base a clássica *teoria da comunicação* de Jakobson e Bühler, concebe o texto gramatical como um fato comunicativo e propõe articular a análise das obras a partir das distintas instâncias comunicativas (emissor, receptor, mensagem, canal, código, contexto). Em segundo lugar, recorre ao conceito igualmente clássico de cânone, elaborado por Harold Bloom e originalmente aplicado à análise literária, e o utiliza no âmbito da gramaticografia: isso permite distinguir, por exemplo, a elaboração do passado feita pelos historiadores da gramática a partir de suas pesquisas e da atenção que concedem a determinados autores (cânone historiográfico) da influência efetiva que os tratadistas puderam exercer em seu contexto social e cultural (cânone histórico). Por fim, Zamorano adota o conceito de serialidade textual, de origem em Haßler (2002), e o articula à teoria do cânone, de modo que a canonicidade de um texto é

compreendida no interior da cadeia textual da qual ele faz parte: o autor distingue diferentes tipos de séries, conforme o tipo de diálogo que os textos estabelecem em relação ao texto-base que constitui o objeto principal de análise (preparatórias ou retrospectivas, paralelas, prospectivas etc.). Um dos resultados mais visíveis dessa perspectiva é a monografia de Zamorano Aguilar (2022) sobre a gramatização do espanhol no Peru.

3 Projetos em gramaticografia no contexto ibero-americano

A pesquisa sobre a gramaticografia ibero-americana gerou amplos acervos sobre essa produção. Na sequência, apresentamos cinco propostas, todas articuladas com a rede de pesquisa que proporcionou a realização do I Encontro de Gramaticografia Ibero-Americana e a organização deste volume temático.

O Centro de Documentação em Historiografia Linguística (CEDOCH) da Universidade de São Paulo (cedoch.fflch.usp.br) produziu diversos bancos de dados para a descrição de gramáticas relativas à América. O Projeto *Documenta, Grammaticae et Historiae* (2006-2008) promoveu a pesquisa e a produção de fichas descritivas de 10 obras gramaticais e lexicográficas de línguas ameríndias, as quais estão disponíveis para pesquisa no site do CEDOCH (<https://cedoch.fflch.usp.br/documenta>). Também na página oficial do grupo está o levantamento exaustivo de cerca de 200 gramáticas de língua portuguesa produzidas no Brasil ao longo do século XIX, elaborado pela pesquisadora Bruna Polachini. Além disso, no âmbito desse centro de pesquisa, foram realizadas, sob orientação das professoras Dra. Cristina Altman e Dra. Olga Coelho, diversas pesquisas de mestrado e doutorado sobre gramáticas das línguas tupi, quéchuas, portuguesa, espanhola e japonesa.

A Fundação Biblioteca Nacional, cuja fundação se deu em 1810 e é sediada na cidade do Rio de Janeiro, capital brasileira até 1960, é, provavelmente, o acervo com a maior quantidade e variedade de gramáticas e dicionários de língua portuguesa, em especial os brasileiros. Essa instituição juntou-se à Fundação Casa de Rui Barbosa, que abriga, entre outras coleções, a biblioteca do intelectual que dá nome à casa, para formar o Dossiê Gramáticas e Dicionários do Português, presente no site da Biblioteca Nacional Digital (bndigital.bn.gov.br/dossies/gramaticas-e-dicionarios-do-portugues). Nesse dossiê, procura-se oferecer ao pesquisador da área, mas também ao leitor interessado, uma definição e descrição

clara das gramáticas e dicionários desses acervos, possibilitando e facilitando seu acesso, digital ou físico, e disponibilizando informações especializadas sobre as obras e seu contexto de produção. Até o momento, o dossiê, que está em processo de ampliação, já apresenta os dados de mais de cem obras, produzidas entre 1804 e 1930.

A Biblioteca Virtual da Gramática Escolar Argentina (BIGEA), disponível em: <http://publicaciones.filo.uba.ar/bibliografia-de-la-gramatica-escolar-argentina>, representa um dos resultados mais significativos da investigação historiográfica acerca da tradição gramatical na Argentina. Desenvolvida no âmbito do projeto “Os inícios da gramática escolar na Argentina (1863–1922)”, subsidiado pela Universidade de Buenos Aires e posteriormente expandido no projeto UBACyT, a BIGEA compila, descreve e torna acessíveis gramáticas escolares publicadas no país entre 1817 e 1922 — abrangendo desde a Gramática de Felipe Senillosa, considerada a primeira obra voltada para o ensino do espanhol na Argentina, até a fundação do Instituto de Filologia da Universidade de Buenos Aires. O acervo elaborado sob a direção do Prof. Dr. Guillermo Toscano y García, em colaboração com estudiosos da Argentina e da Espanha, identifica centenas de gramáticas escolares, disponibilizando fichas bibliográficas minuciosas, metadados e, quando viável, a transcrição de índices e conteúdos. A BIGEA adota critérios de inclusão temporais, espaciais, documentais e epistemológicos, restritos a obras efetivamente situadas em repositórios institucionais e voltadas à educação primária, secundária ou à formação de docentes. Portanto, trata-se de um instrumento de notável importância para a Historiografia da Linguística e para as pesquisas acerca da gramaticografia escolar ibero-americana, uma vez que possibilita a compreensão da disseminação de modelos gramaticais europeus, o surgimento de tradições locais e as inter-relações entre ensino, norma e política linguística no cenário argentino do século XIX e do início do século XX.

O MuGra - Web-Museu da Gramática (www.mugra.com.br) é uma iniciativa de pesquisa, extensão e divulgação científica focada na documentação e análise historiográfica de gramáticas elaboradas no contexto lusófono, hispânico e francófono. O projeto, sediado na Universidade Federal de Uberlândia, recebeu financiamento da FAPEMIG e é coordenado pelo Prof. Dr. Leandro Silveira de Araujo. O web-museu configura-se como um espaço digital interativo que agrega, organiza e dissemina dados acerca da história da gramática, considerada um domínio fundamental para a compreensão da formação do pensamento linguístico em

diferentes tradições, como as ibero-americanas. A plataforma oferece um acervo de centenas de gramáticas em português, espanhol e francês, publicadas desde o século XVI, com metadados que possibilitam a análise comparativa de concepções de língua, norma e ensino. O seu ambiente digital inclui ferramentas de visualização e exploração, como uma linha do tempo, um mapa-múndi georreferenciado e uma nuvem de palavras, além de áreas dedicadas à capacitação de educadores e à divulgação científica. Inspirado em fundamentos museológicos e nas humanidades digitais, o MuGra propõe uma abordagem inovadora de interação com a trajetória das tradições gramaticais, estimulando o diálogo entre ciência, tecnologia e sociedade. Ao tornar acessível um acervo representativo de diferentes tradições, o museu contribui para o fortalecimento da pesquisa em Historiografia da Linguística e para a valorização da diversidade linguística e cultural do espaço ibero-americano.

O grupo HISPANAGRAMA, liderado pelo Prof. Dr. Alfonso Zamorano Aguilar (Universidade de Córdoba, Espanha) e Prof. Dr. Esteban T. Montoro del Arco (Universidade de Granada, Espanha), desenvolveu dois projetos financiados pelo Plano Estatal de Investigación Científica e Técnica e de Inovação, do Governo da Espanha, entre 2018 e 2025: *HISPANAGRAMA. Las ideas gramaticales en la América del Pacífico* (FFI2017-86335-P) e *HISPANAGRAMA-II: La gramatización del español en la América del Sur hispánica (1800-1950): focos, series textuales y canon* (PID2020-118849GB-I00). Com esses projetos, o foco foi direcionado a países cuja tradição gramatical havia sido pouco explorada até então — a América do Pacífico e do Caribe (Chile, Peru, Colômbia, Bolívia, Equador e Venezuela) — e foi possível localizar e catalogar mais de 500 obras, muitas das quais já analisadas e organizadas por tradições (Coll, 2021). Tanto em HISPANAGRAMA quanto em HISPANAGRAMA-II empregam-se ferramentas teórico-metodológicas de grande utilidade para o estudo contextualizado da produção linguística americana, como já indicado anteriormente, tais como a teoria do cânone, as séries textuais e a análise ideológica.

4 Apresentação dos artigos que compõem o volume

Concluída a apresentação de alguns projetos de acervos gramaticográficos e delineados alguns pressupostos teóricos e metodológicos que orientam a área, passamos à introdução dos trabalhos que compõem este dossiê. Os dezesseis artigos aqui reunidos refletem a diversidade

de objetos, períodos e abordagens que caracterizam a gramaticografia ibero-americana contemporânea e foram organizados, para fins expositivos, em cinco blocos temáticos.

Como prólogo aos blocos anunciados, o trabalho **Grammar from the bottom: a ‘candid’ look at an elementary grammar (of portuguese)** (Gramática de Baixo para Cima: uma Olhada ‘Ingênua’ em uma Gramática Elementar (do Português)), de Pierre Swiggers, Nico Lioce e Piet Desmet (KU Leuven), introduz o dossiê pela contribuição teórica que traz aos estudos da gramática escolar no espaço ibero-americano. Desse modo, os autores discutem o estatuto e as características das gramáticas pedagógicas, combinando reflexão epistemológica com a análise da *Gramática das crianças*, de Cândido de Figueiredo, destinada ao ensino fundamental em Portugal. Ao examinar princípios como acessibilidade, competência, objetividade, os autores evidenciam a relevância historiográfica das gramáticas escolares como produtos de base da atividade linguística, fundamentais para compreender a circulação e a função social do saber gramatical.

O primeiro bloco concentra a maior quantidade de artigos; são 5 trabalhos abordando autores da história da gramática em língua portuguesa: João de Barros, Soares Barbosa, Morais Silva, Charles Grivet e Silva Elia. O primeiro deles, **A ordem da gramática de João de Barros sob o olhar da Historiografia (da) Linguística: um estudo de gramaticografia portuguesa quinhentista**, de Viviane Lourenço Teixeira (UFF), analisa a *Gramática da Língua Portuguesa* (1540) de João de Barros como obra fundadora da tradição gramatical portuguesa. O estudo interpreta a gramaticografia como prática ideológica, evidenciando o caráter normativo da obra no contexto humanista e colonial do século XVI. Ao articular modelos greco-latinos, projeto civilizatório e poder simbólico, a análise demonstra que a gramática de Barros ultrapassa a descrição linguística, integrando um processo histórico de disciplinamento, dominação e construção da identidade linguística portuguesa.

A natureza dos termos acessórios na nomenclatura gramatical tradicional, de Lorenzo Vitral (UFMG/CNPq), é o segundo artigo. O autor analisa a noção de “termos acessórios” na tradição gramatical, com foco nos adjuntos adnominais e adverbiais. O estudo revisita o conceito de *acidente*, desde Aristóteles e Prisciano até a gramática de Soares Barbosa. Conclui-se que a noção de dispensabilidade obscureceu a compreensão da interdependência gramatical desses constituintes, cuja natureza deve ser repensada à luz da Historiografia da

Linguística. Neste sentido, os adjuntos adnominais e adverbiais foram considerados secundários e, por isso, tidos como dispensáveis, uma vez que sua supressão ainda permite a formação de uma proposição mínima dotada de sentido completo e valor de verdade.

O terceiro trabalho, **As partes da oração em *Epitome da Grammatica da Lingua Portuguesa* (1806), de Morais Silva: uma análise historiográfica da produção gramatical brasileira**, tem autoria de Rayssa Marinho (UERJ/CAPES) e Jefferson Evaristo (UERJ/FAPERJ) e examina o tratamento das partes da oração na tradição gramatical oitocentista do português a partir da observação do *Epitome da Grammatica da Lingua Portuguesa* (1806). Com base na Historiografia da Linguística e no modelo de camadas, o estudo analisa as dimensões contextual, documental, técnica e teórica da obra. Os resultados indicam que o *Epitome* mantém-se filiado ao Paradigma Tradicional de Gramatização greco-romano, ao mesmo tempo em que expressa marcas da produção intelectual brasileira do século XIX.

O artigo seguinte, **A teoria das funções da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portuguesa* (1881), de Charles Grivet (1816–1876)**, de Ana Beatriz Freire de Almeida (UFPB/FAPESQ), analisa a abordagem sintática do gramático oitocentista. O estudo examina a teoria das funções, segundo a qual a sintaxe se organiza a partir dos papéis exercidos pelas palavras na enunciação, com centralidade atribuída ao verbo. Sem romper com a tradição gramatical, Grivet propõe um modelo analítico divergente do pensamento dominante de seu tempo. A análise evidencia a relevância dessa proposta para a compreensão da sintaxe oitocentista e de seus desdobramentos nas gramáticas contemporâneas do português.

Encerra o primeiro bloco o texto **Diacronia, literatura e cultura: a contribuição de Sílvio Elia para a historiografia da língua portuguesa no Brasil**, de Rafael Sicoli Pacheco (USP), em que se analisa a obra de Sílvio Elia no campo da historiografia linguística brasileira. O estudo destaca sua proposta de periodização do português no Brasil e sua classificação dialetal, que articulam critérios linguísticos, históricos e socioculturais. O trabalho evidencia como Elia concebe a história da língua em relação a projetos culturais e normativos, valorizando a pluralidade linguística brasileira e denunciando os efeitos excludentes da norma culta na construção da identidade nacional.

Por sua vez, o segundo bloco de trabalhos traz a contribuição para o estudo da história da gramática em língua espanhola. Os três trabalhos que compõem o eixo assumem uma orientação temática dentro de duas tradições específicas: a argentina e a chilena.

O trabalho de Carla De Natale (UBA/CONICET), intitulado ***La teoría del verbo único en la gramática escolar argentina (1817–1863)*** (A teoria do verbo único na gramática escolar argentina (1817/1863)), analisa o tratamento da cópula em gramáticas escolares argentinas do século XIX à luz da Historiografia da Linguística e da gramática didática. O estudo examina a circulação e a reformulação da teoria do verbo único, oriunda da tradição de Port-Royal, evidenciando sua adaptação às particularidades do espanhol. Ao demonstrar a ausência de consenso quanto aos verbos copulativos e às estruturas oracionais subjacentes, o trabalho revela a heterogeneidade das tradições gramaticais que antecederam a institucionalização dos estudos linguísticos na Argentina.

O trabalho de Fernanda Silva Freitas (UFU/FAPEMIG), ***As formas de tratamento em gramáticas pedagógicas chilenas e argentinas do século XIX***, analisa a descrição e a prescrição de *usted* e *vos* em gramáticas escolares publicadas entre 1880 e 1900 no Chile e na Argentina. Com base no modelo de camadas de Swiggers, o estudo evidencia a centralidade normativa de *usted* e a marginalização do *vos* familiar, mesmo em contextos já voseantes. A comparação diatópica revela diferenças no grau de repressão ao *voseo* e mostra como o forte prescritivismo e a influência da norma culta moldaram a gramatização das formas de tratamento no espanhol sul-americano oitocentista.

O nono artigo, ***Procesos de gramatización en (la Universidad de) Chile*** (Processos de gramatização no/a (Universidade do) Chile), de Soledad Chávez Fajardo (UCHile/AChL), analisa os processos de gramatização no Chile a partir da presença do ensino gramatical e das produções gramaticais vinculadas à Universidade de Chile, entre meados do século XIX e o século XX. O estudo examina gramáticas utilizadas na formação de estudantes e professores, evidenciando seu papel nos processos de padronização linguística e na institucionalização do saber gramatical. Ao reconstruir esse percurso histórico, o artigo destaca a centralidade da Universidade de Chile na tradição gramatical do país e propõe uma reflexão crítica sobre o progressivo esvaziamento dos estudos gramaticais nas últimas décadas.

O décimo trabalho abre a terceira seção deste volume e se volta à origem das relações ibero-americanas por meio do estudo de obras missionárias e sua relação com o respectivo contexto de retrospectiva. Desse modo, o artigo **O conceito de sílaba nas gramáticas de Nebrija (1492) e de Anchieta (1595)**, de Melyssa Cardozo Silva dos Santos (UFF), efetiva uma abordagem contrastiva ibero-americana, partindo da análise das obras de Nebrija e Anchieta. Desse modo, o trabalho analisa o tratamento historiográfico do metatermo *sílaba* em duas obras fundadoras da gramaticografia renascentista. O estudo compara a Gramática Castellana (1492), de Nebrija, e a Arte de Gramática (1595), de Anchieta, evidenciando continuidades e adaptações da metalinguagem greco-latina na descrição de línguas vernaculares e indígenas.

Na sequência, o trabalho **Representação gramatical das classes nominais em gramáticas missionárias brasileiras (sécs. XVI e XVII)**, de Cristina Altman (USP), com tradução de Augusto Vicente (USP), apresenta uma introdução historiográfica ao estudo das classes nominais em gramáticas missionárias do Tupinambá, do Kiriri e do Kimbundu. O texto é tradução do capítulo *Grammatical representation of nominal classes in Brazilian missionary grammars (sixteenth and seventeenth centuries)*, publicado no volume *The Architecture of Grammar: Studies in Linguistic Historiography in Honor of Pierre Swiggers*. Conclui-se, no estudo, que as descrições missionárias não distorcem as línguas analisadas e que o conhecimento gramatical produzido, embora terminologicamente conservador, revela significativa inovação conceitual.

O décimo segundo estudo encerra o terceiro bloco analisando a gramática missionária no México. Trata-se do estudo **La sinonimia en el Arte de la Lengua Mexicana de Horacio Carochi** (A sinonímia no Arte da língua mexicana de Horacio Carochi), de Lucero Pacheco Ávila (UNAM), em que se analisa o tratamento da sinonímia no Livro V da obra gramatical publicada em 1645. O estudo examina como Carochi, um dos principais artífices do México novohispano, compreende a sinonímia como recurso estilístico, em consonância com a visão renascentista do século XVII. Ao focalizar os advérbios, o trabalho evidencia o caráter filológico e normativo da gramática e destaca a adaptação da metalinguagem ocidental às especificidades do náhuatl.

O quarto bloco volta-se à gramaticografia brasileira, em um recorte mais contemporâneo e com interesse pela interface com a glotopolítica. O décimo terceiro artigo, intitulado **Gestos glotopolíticos para a (re)construção de uma norma-padrão brasileira: uma análise da Gramática do português brasileiro escrito (2023)**, de Fábio Albert Mesquita (UFPA) e

Natássia Thais do Nascimento Ribeiro (UFPB), analisa os movimentos normativos da *Gramática do português brasileiro escrito* à luz da glotopolítica. O estudo compara o tratamento da colocação pronominal nessa obra com o de gramáticas tradicionais brasileiras, evidenciando deslocamentos como a centralidade da próclise e a rejeição da mesóclise. Ao privilegiar exemplos da escrita acadêmica e jornalística contemporânea, a análise demonstra o compromisso da gramática com a atualização da norma-padrão brasileira e com a legitimação dos usos efetivos do português no Brasil.

Na sequência, o trabalho de Diego José Alves Alexandre (UFRN), intitulado **A Fundação Nacional de Material Escolar (Fename) e a publicação da *Gramática da língua espanhola (1969) durante o regime militar brasileiro: instrumento linguístico com vistas glotopolíticas***, analisa a gramática escolar publicada pela Fename à luz da Historiografia da Linguística, da História das Disciplinas Escolares e da Glotopolítica. O estudo demonstra como o instrumento gramatical reflete o contexto ideológico do regime militar brasileiro, evidenciando o apagamento linguístico e cultural da América Latina hispanofalante e a centralidade da norma e da cultura espanholas. Ao articular política educacional, produção gramatical e ensino de línguas, o trabalho evidencia os efeitos glotopolíticos da gramática escolar na construção de saberes e representações sobre o espanhol no Brasil.

Encerram o estudo dois artigos voltados ao estudo de uma temática um tanto negligenciada nos estudos gramaticográficos: a ortografia. Desse modo, o décimo quinto trabalho, ***¿Ortografía etimológica u ortografía práctica?: un ciclo polémico en torno a la enseñanza de la ortografía castellana en la Revista de Educación (Ortografía etimológica ou ortografía práctica?: um ciclo polêmico em torno do ensino da ortografia castelhana na Revista de Educação)***, de Esteban Lidgett (UBA/CONICET) e Maribel Vázquez (UBA), analisa o debate desenvolvido na imprensa educacional argentina entre Matías Calandrelli e Enrique M. de Santa Olalla. A partir da Historiografia da Linguística, articulando historiografia interna e externa, o estudo examina as tensões entre propostas etimológicas e práticas para o ensino da ortografia. A análise evidencia que, apesar de divergirem quanto aos métodos didáticos e às normas adotadas, ambos os autores recorrem à autoridade da Real Academia Espanhola e compartilham uma concepção analógica da norma linguística. O trabalho revela, assim, conflitos entre modelos científico e didático de autoridade e ilumina o papel das revistas

educacionais na construção de uma cultura linguística homogênea no contexto argentino de fins do século XIX.

Finalmente, em **Os manuais de ortografia na história do português**, de Eliabe Procópio (UFS/CNPq), analisa-se a constituição dos manuais de ortografia como instrumentos linguísticos vinculados a projetos de política linguística e à consolidação do português como língua nacional. O artigo discute a emergência do gênero a partir de demandas sociais específicas, seu caráter normativo e deonticamente orientado e sua inserção na tradição gramatical clássica por meio do princípio da *imitatio*. Argumenta-se, contudo, que essa filiação não impede a produção de materiais autênticos, sem correspondência direta no latim, ressaltando a relevância dos manuais de ortografia para a historiografia do português.

Em conjunto, os dezesseis trabalhos que integram este dossiê evidenciam a vitalidade, a diversidade e a pertinência das pesquisas dedicadas à gramaticografia ibero-americana, ao articular diferentes tradições, espaços geográficos, períodos históricos e perspectivas teórico-metodológicas. As análises aqui reunidas demonstram como gramáticas, manuais, polêmicas metalinguísticas e instrumentos escolares constituem objetos privilegiados para compreender a circulação de saberes linguísticos, os processos de normatização e ensino das línguas e os gestos glotopolíticos implicados na constituição de identidades linguísticas no espaço ibero-americano. Ao recuperar, contextualizar e reinterpretar esses materiais, os estudos reafirmam o papel central da Historiografia da Linguística e da gramaticografia na reconstrução crítica do passado linguístico, contribuindo para uma compreensão mais ampla e integrada da história intelectual das línguas na Iberoamérica e de seus desdobramentos no presente.

Referências

Auroux, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

Bastardas Boada, Albert. **Ecologia de les llengües. Medi, contactes i dinàmica sociolingüística**. Barcelona: Proa, 1996.

Brekle, H. Ernst. What is History of Linguistics and to what end is it produced? A didactic approach. En: Bynon, Theodora; Palmer, Frank R. (eds.). **Studies in the history of Western Linguistics: in honour of R. H. Robins**, Cambridge: Cambridge University Press, 1986, pp. 1-10.

Calero Vaquera, María Luisa. **Historia de la gramática española (1847-1920)**. De Bello a Lenz. Madrid: Gredos, 1986.

Calero Vaquera, María Luisa. Un recorrido vital y académico por la gramaticografía. **Anales de Lingüística**. n. 4, p. 35-56, 2020. Disponível em <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs3/index.php/analeslinguistica/article/view/4387>. Acesso em 03 de nov. de 2025.

Coll, Magdalena. Apuntes para una historia de la teoría gramatical del español en la América del Pacífico: datos y proyección. **Boletín de Filología**, Santiago, v. 56, n. 2, p. 27-48, 2021. <https://doi.org/10.4067/S0718-93032021000200027>.

Esparza Torres, Miguel Ángel. Dimensiones de la lingüística misionera española. En: Assunção, Carlos; Fernandes, Gonçalo; Loureiro, Marlene(eds.). **Ideias linguísticas na Península Ibérica (séc. XIV a séc. XIX)**. Münster: Nodus Publikationen, 2010, pp. 201-214.

Esparza Torres, Miguel Ángel; Niederehe, Hans-Josef. **Bibliografía de la lingüística misionera española (BILME)**. Münster, Nodus Publikationen, 2023. <https://doi.org/10.3726/b20225>.

Fill, Alwin; Mühlhäusler, Peter (eds.). **The ecolinguistics reader**. London: Continuum, 2001.

Gómez Asencio, José Jesús. **Gramática y categorías verbales en la tradición española (1771-1847)**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1981.

Gómez Asencio, José Jesús. A propósito de la historiografía de la gramaticografía. Unas respuestas a unas preguntas. **Anales de Lingüística**. n. 4, p. 57-93, 2020. Disponível em <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs3/index.php/analeslinguistica/article/view/4389>. Acesso em 03 nov. 2025.

Gómez Asencio, José Jesús. (comp.). **Antiguas gramáticas del castellano**. Madrid: Fundación Histórica Tavera & DIGIBIS, 2001. CD- ROM.

Gómez Asencio, José Jesús; Montoro del Arco, Esteban T.; Swiggers, Pierre. Principios, tareas, métodos e instrumentos en historiografía lingüística. En: Calero Vaquera, María Luisa *et al.* (eds.). **Métodos y resultados actuales en Historiografía de la Lingüística**, Münster: Nodus Publikationen, 2014. pp. 266-30.

Haßler, Gerda. Textos de referencia y conceptos en las teorías lingüísticas de los siglos XVII y XVIII. En: Esparza, M. Ángel; Fernández, Benigno; Niederehe, Hans-Josef (eds.), **SEHL 2001. Estudios de Historiografía Lingüística**. Hamburg: Helmut Buske, 2002, pp. 559–586. v. 1.
Haßler, Gerda. Gramaticografía: una disciplina vinculada con la historia de las teorías lingüísticas y con la gramática actual. **Anales de Lingüística**. n. 4, p. 95-104, 2020. Disponível em: <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs3/index.php/analeslinguistica/article/view/4390>. Acesso em 03 nov. 2025.

Haugen, Einar. The ecology of language. En: Dil, Anwar (ed.). **The Ecology of Language**, Stanford: Stanford University Press, 1972, pp. 325-339.

Lázaro Carreter, Fernando. **Las ideas lingüísticas en España durante el siglo XVIII**. Madrid: CSIC/Revista de Filología Española Anejo XLVIII, 1949.

Lliteras Poncel, Margarita. **La teoría gramatical de Vicente Salvá**. Madrid: SGEL, 1992.

Martínez Alcalde, María José. **Las ideas lingüísticas de Gregorio Mayans**. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva, 1992.

Montoro Del Arco, Esteban T. Bases para el estudio variacionista de los corpus historiográficos: el caso del análisis lógico y gramatical. **Revista argentina de historiografía lingüística**, v. 2, n. 2, p. 107-124, 2016. Disponible en: <https://rahl.ar/index.php/rahl/article/view/28>. Acceso em 25 jan. 2026.

Swiggers, Pierre. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. En: Corrales Zumbado, Cristóbal; *et al.* (eds.), **Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística**. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL. Madrid: Arco/Libros, 2004. p. 113-146. v. 1.

Swiggers, Pierre. Le métalangage de la linguistique: réflexions à propos de la terminologie et de la terminographie linguistiques. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 9–29, 2010. Disponible em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/61>. Acceso em: 8 jan. 2026.

Swiggers, Pierre. Historiografía de la gramaticografía didáctica: apuntes metodológicos con referencia a la (historia de la) gramática española y francesa. In Vila Rubio, Neus (ed.). **Lengua, literatura y educación en la España del siglo XX**. Berna: Peter Lang, 2012. pp. 15-37.

Swiggers, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, v. 44-45, 2013, p. 39-59. Disponible em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/602>. Acceso em: 8 jan. 2026.

Swiggers, Pierre. Grammaticographie. In: Polzin-Haumann, Claudia; Schweickard, Wolfgang (Eds.). **Manuel de linguistique française**. Berlín: Gruyter, 2015. pp. 525-555. <https://doi.org/10.1515/9783110302219-024>.

Swiggers, Pierre. Gramaticografía e historiografía: una visión retro- y prospectiva. **Anales de Lingüística**. n. 4, pp. 139-154, 2020. Disponible em <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs3/index.php/analeslinguistica/article/view/4393>. Acceso em 03 nov. 2025.

Zamorano Aguilar, Alfonso. Series textuales, edición de textos y gramaticografía. Teoría, aplicación, constantes y variables. **Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft**, n. 27, p. 115-135, 2017

Zamorano Aguilar, Alfonso. **La gramatización del español en el Perú del siglo XIX**: contribución a la historia de las ideas lingüísticas en América Latina. Berlim: Peter Lang, 2022.

<https://doi.org/10.3726/b19255>.

Zamorano Aguilar, Alfonso; Montoro del Arco, Esteban T.; Martínez-Atienza de Dios, María; Vila Rubio, Neus. Hispanagrama: las ideas gramaticales en los países de la América del Pacífico. **Anales de Lingüística**. n. 4, p. 57-93, 2020. Disponível em <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs3/index.php/analeslinguistica/article/view/4398>. Acesso em 25 jan. 2025.

Zimmermann, Klaus. Lingüística Misionera (colonial): El estado actual de los estudios historiográficos al respecto. En: Lozano, José Vicente (ed.). **Études de linguistique ibéro-romane en hommage à Marie-France Delport**. Rouen: Publications électroniques de l'Eriac-Libero, 2018, pp. 71-106.

Recebido em: 02.02.2026

Aprovado em: 06.04.2026